

Palavras-chaves: Plantas medicinais – cuidado com a saúde - Mulheres

Resumo

A partir de estudos bibliográficos entre mulheres indígenas no Nordeste brasileiro, é impossível refletir acerca da importância da dimensão doméstica e da socialidade no cuidado com a saúde. Embasado em estudos etnográficos com as mulheres indígenas Tupinambá de Olivença, Pataxó Hãhãhãe, na Bahia, Pankararu, em Pernambuco, Tapeba e Tremembé no Ceará verifica-se a prática de auto cuidado baseada, predominantemente, na utilização de plantas medicinais e na observância de determinados cuidados - denominado de resguardo. As plantas medicinais são comumente cultivadas nos quintais pelas mulheres. O conhecimento acerca das plantas medicinais, assim como do resguardo, é socializado de acordo a necessidade em que se apresenta. Cada qual compartilha seus conhecimentos sobre as formas de cura e cuidado, bem como às plantas medicinais que são necessárias para tal. Assim, é comum que as mulheres frequentem os quintais uma das outras, sendo muitas das vezes, este ambiente a porta de entrada para a casa. Ademais, como traz Joana Overing (1999), a influência da dimensão doméstica não está limitada a casa, ao ambiente privado. Os encontros, as convivências e as socialidades ocorridos no ambiente doméstico reverbera nas decisões coletivas e do que seria esse ambiente fora de casa - o público. É à beira do fogão onde se une: a mulher, dona da casa, quem agrega seus filhos (as), noras, genros, netos (as) é inferida de respeito e autoridade, por ser ela quem alimenta e cuida. Contudo, esse ambiente doméstico foi despercebido na tradição antropológica, focada na maior parte das vezes nas figuras masculinas e nos espaços públicos. Por isso, o olhar acerca do ambiente doméstico e, das figuras femininas, permite uma compreensão ampliada das agências coletivas.

Introdução

A pesquisa que serviu de base para este artigo foi desenvolvida através do método de revisão bibliográfica. Buscou-se compreender a relação entre a forma que as mulheres

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Universidade Federal da Bahia, Brasil.

indígenas no Nordeste brasileiro cuidam de seus corpos, especificamente nos períodos reprodutivos, e as suas narrativas. Para tanto, foi necessário identificar as práticas de autocuidado, a conceituação de Dona-do-Corpo, a compreensão do processo de gestação e parto, assim como perceber as relações entre mãe, criança, parteira e Dona-do-Corpo (Santos, 2022). Esta pesquisa revisou os trabalhos realizados sobre os povos Pankararu (Giberti, 2013) e Atikum (Silva, 2007), no Pernambuco; Tupinambá da Serra (Macedo, 2007) e Pataxó HãHãHãe (Souza, 2002, 2007), na Bahia; Tapeba e Tremembé (Tofoli, 2020), no Ceará. Os entendimentos e as práticas de cuidado com a saúde, entre essas mulheres indígenas, aliam a visão cosmológica, as práticas e os saberes de autocuidado tradicionais, os especialistas indígenas, os saberes e os serviços biomédicos. Deparamos, portanto, com complexas simbioses (Santos, 2022).

Diante disto, destacou-se a autonomia de cada mulher no cuidado de sua saúde. Apesar de ter elementos que se confluem entre as narrativas, tanto entre as mulheres dos mesmos povos, quanto entre mulheres de povos indígenas distintivos, as autoras fazem enfático a diferenciação entre as mulheres no cuidado em sua saúde. O entendimento da Dona do Corpo, por exemplo, difere-se largamente entre as mulheres Tupinambá, principalmente entre as gerações. Enquanto as mulheres acima de 40 anos acreditam na existência da Dona do Corpo, bem como cuidados específicos destinados a este ser não-humana que vive no corpo da mulher; as mulheres abaixo dos 40 anos, principalmente as jovens que frequentam as escolas, comumente conectam a Dona do Corpo ao órgão útero, ou sequer a concebem. Evidente que, tais entendimentos não são tão claramente definidos entre as mulheres e, entre as gerações das mesmas (Macedo, 2007).

Chama a atenção contudo, que, embora a proximidade de acesso aos serviços da biomedicina, bem como aos medicamentos farmacológicos, a antropóloga Macedo (2007), em seu trabalho etnográfico, deixa transparecer a proximidade de todos com as ervas, seja em maior grau ou menor. A partir disso, pode-se concentrar nas menções as hortas individuais, nos quintais de suas casas, que grande parte das mulheres cultivam. Tais hortas, são, em certa medida, a farmácia natural delas. É importante, entretanto, atentar-se a não generalização dessa prática. Mas, a partir da cultivo dessas hortas, há um interessante desenrolar a se concentrar. As mulheres intercambiam às suas plantas, as receitas realizadas com ela e, juntamente a isto, possível resguardo, as crenças relacionadas às plantas. Essas práticas criam e fortalecem laços de socialidade.

Casas, cozinhas e quintais e suas agências na cura

Enquanto conviviam com o povo indígena Piaroa, que vive nas margens do rio Orinoco, na floresta amazônica, em território venezuelano, a antropóloga Joanna Overing (1999) compreendeu a importância dada aos elementos domésticos e cotidianos por este povo. A grandeza não se resume eventos esporádicos ou momentos e objetos específicos. Mas sim, abrange o cotidiano! A cerâmica utilizada no cozinhar é elaborada de forma bela, assim como os utensílios que são utilizados no dia a dia. Desde modo, a também está no cotidiano. Refletindo então, que as atividades diárias são fundamentais para o bem fluir da vida, que o cotidiano é de notoriedade, insere-se a pauta: esfera doméstica e esfera pública.

Essa dualidade esfera doméstica/privada e esfera pública não pode e não deve ser encarada como uma universalidade (Collins, 2016). Joanna Overing (1999), discute que a visão do antropólogo é permeada de seus valores e éticas de pertencimento. Portanto, o estudioso que está naturalizado com essa dualidade tem potencial de, até mesmo inconscientemente, encontrar elementos desta divisão em outras sociedades, bem como interpretar situações sob esta ótica. Assim, um estrangeiro, do sexo masculino, não falando a língua local, pode não ter fácil acesso a lugares e situações, talvez nem sequer pensar em questões que mulheres poderiam elencar. Ademais, é mais comum ao antropólogo contato com outros homens e locais que tais frequentam. Assim, as narrativas sob a ótica das mulheres tornam-se por serem excluídas, mal interpretadas ou até mesmo ignoradas.

A partir dessa dualidade, privado e público, ao homem é atribuído o público, enquanto a mulher o privado. Seguindo este sentido, a área central da comunidade se caracterizaria como o ambiente público, do homem; enquanto as casas e cozinhas, ambiente privado, da mulher. Assim, muito se pode ignorar do que se passa nesses ambientes classificados enquanto os privados, os domésticos. As antropólogas Joanna Overing (1999) e Ubinger (2012) chamam a atenção, então, para proeminência destes ambientes. Pois, é possível que a beira do fogão, na cozinha, nas casas e nos quintais que muitas decisões são tomadas, que o cuidado acontece.

Os encontros, as convivências e as socialidades ocorridos no ambiente doméstico reverbera nas decisões coletivas e do que seria esse ambiente fora de casa - o público. É à beira do fogão onde se une: a mulher, dona da casa, quem agrega seus filhos (as), noras, genros, netos (as) é inferida de respeito e autoridade, por ser ela quem alimenta e cuida. Contudo, esse ambiente doméstico foi despercebido na tradição antropológica, focada na maior parte das vezes nas figuras masculinas e nos espaços públicos. Por isso, o olhar

acerca do ambiente doméstico e, das figuras femininas, permite uma compreensão ampliada das agências coletivas.

É no cotidiano que as plantas são utilizadas, que os remédios são feitos, que ensinamentos são passados, que experiências se acumulam, que aprendizados ocorrem. Focando nos eventos reprodutivos, porém não se limitando a estes, as plantas são essenciais na recuperação, bem como as ações desempenhadas rotineiramente. Pois, é o cuidado diário o significativo da manutenção da vida, da saúde. Tal cuidado, embora se pese pelas ações individuais, ocorrem através da socialização. Os tratamentos de cura são comumente ensinados por algum parente ou vizinho próximo, as plantas necessárias podem já ser cultivadas nos quintais ou buscada da mata por alguém que as saiba identificar, bem como doadas por pessoas que a cultivam (Macedo, 2007; Giberti, 2013; Silva, 2007, Souza, 2002, 2007; Tofoli, 2020).

Uso de plantas medicinais

As plantas constituem-se numa “doutrina” ou forma de saber indígena (Ubinger, 2012, p.67). O conhecimento das plantas é comum e corriqueiro, acontecendo naturalmente no dia-a-dia. A escolha de ervas para tempero na alimentação, para chás, para banhos pode parecer casual a uma visão superficial. Cada escolha, contudo, contém um intuito, seja direcionado pelo almejo de algum resultado específico – no tratamento para cura, por exemplo -, ou pelo *habitus*³. Tal *habitus* contém perspectivas que englobam visões de mundo, cosmologias e conhecimento acerca dos efeitos dos ativos compostos nas plantas.

Deste modo, uma refeição não somente sacia as necessidades básicas humanas, mas também é responsável pela constituição humana de um modo que mantém o bom estado da saúde; visto ser a saúde natural à vida, enquanto que a enfermidade é percebida não enquanto uma dicotomia com a saúde, mas sim enquanto uma anomalia (Luciano, 2006). Aprofundando-se sobre as plantas medicinais, Rocha *et al* (2021, p.03) explica sobre o histórico e a relevância de seus usos, revelando que a interação entre a planta e o ambiente é um dos responsáveis por seus fatores químicos, sendo assim, “*a diversidade ecológica compreende as relações entre os organismos com o ambiente, e entre seus semelhantes, possibilitando uma heterogeneidade de comunidades e relações ecológicas*”.

³ *Habitus* no conceito de Pierre Bourdieu (2001, 2007).

Pesquisas etnobotânicas constataam a proximidade das comunidades que vivem em meio rural aos ecossistemas que as cercam, estando intimamente ligadas. Utilizando-se da observação, da descrição e da experiência relacionam as plantas medicinais às suas atividades biológicas. Revelam-se, com isto, os possíveis tratamentos de enfermidades; ofertando, assim, a possibilidade de cura. Ademais, destaca-se também a perspectiva mágico-simbólica relacionada a plantas, a origem da doença, aos elementos naturais que facialmente pode ser encontrada em inumeradas comunidades que vivem em meio rural, sob diversos credos, religiosidades e etnias. (Rocha *et al*, 2021; Macedo, 2007; Giberti, 2013; Silva, 2007, Souza, 2002, 2007; Tofoli, 2020; Lisboa, 2017; Gama, 2019).

Com o advento dos tratamentos de cura biomédicos tornou-se comum a utilização de remédios farmacêuticos/sintéticos; em que são manipulados em laboratórios, sob métodos específicos. A sua eficaz tornou-se o uso generalizado; contudo, verifica-se também efeitos colaterais adversos. Tais efeitos colaterais, ademais outros fatores⁴, provoca um retorno pela busca dos tratamentos de cura por meio das plantas medicinais, as quais podem ser manipuladas em ambientes domésticos (Rocha *et al*, 2021). Desde modo, vem crescendo a adesão pela fitoterapia; a qual se debruça no estudo das plantas medicinais e suas aplicações terapêuticas (Ministério da Saúde, 2006).

A fitoterapia, então, pode ser também percebida como os usos, já tradicionais, de plantas medicinais; contudo, com o diferencial de passar por estudos empíricos sistematizados sobre o seu uso e eficácia. Assim, a fitoterapia agrega a facilidade de acesso, a eficácia e o baixo custo; favorecendo, com isto, a incorporação em práticas domésticas. E, por isto, ocorre até mesmo uma substituição do uso de medicamentos sintéticos (Santos *et al*, 2011; Rocha *et al*, 2021). Os estudos fitoterápicos (bem como, os etnofarmacêuticos), em via de regra, concentra-se em plantas que já são utilizadas popularmente; não sendo assim as plantas escolhidas ao acaso. Por consequente, essa junção do conhecimento empírico-científico contribui substancialmente no desenvolvimento de práticas terapêuticas inovadoras (Santos *et al*, 2021, p. 08).

As comunidades tradicionais possuem destaque nesse conhecimento, pois são em seus arredores a origem de grande parte dos remédios fitoterápicos (Santos *et al*, 2021, p. 04). Ademais, constata-se também a preservação ambiental onde estas habitam. Juntamente com as características da perspectiva de associação entre o ser humano e a natureza; com o vínculo de gratidão, cumplicidade e respeito ao meio natural. Por isto, as

⁴ Tais como a dificuldade de acesso a remédios farmacêuticos devido à sua escassez e/ou limitação de renda para a aquisição dos mesmos (Rocha *et al*, 2021).

vivências sociais e as identidades culturais contêm comportamentos e práticas relevantes para a manutenção do equilíbrio com o meio ambiente (Viera & Milward-de-Azevedo, 2018, p.179). O cultivo de plantas medicinais nos arredores das casas facilita a sua utilização, para tanto é necessário a domesticação das mesmas, bem como o cuidado contínuo para a sua manutenção. Então as casas, cozinhas e quintais tornam-se essenciais nos tratamentos de cura.

O protagonismo das mulheres

Através das discussões sobre estudos etnobotânicos e ecofeminismo que mostram a relevância das mulheres na perpetuação dos saberes referentes às plantas, bem como, na manutenção dos conhecimentos e na conservação dos recursos naturais trazidas por Viera e Milward-de-Azevedo (2018, p. 179), percebe-se o papel protagonista das mulheres no cuidado com a saúde. Comumente, é através das mães e avós donde provém os aprendizados sobre os cuidados com a saúde, não se limitando a elas, por suposto. As responsabilidades com as tarefas domésticas, a nutrição das crianças influem para o cuidado e a atenção com o crescimento saudável, com a saúde.

O cuidado dispensando a família pode ser entendido sob o viés da noção de confiança e virtudes, antes o conceito de obrigação, da teoria moral ocidental, em que as ações desempenhadas são em grande parte movidas pela força de coerção. Contudo, é válido destacar o papel culturalmente impostos às mulheres, onde o cuidado e a confiança estariam vinculados ao gênero, sendo as mulheres mais propensas ao desenvolvimento de tais características. Porém, é preciso se atentar a generalização, neste caso, tanto no que se refere às mulheres quanto às culturas. De acordo, Joanna Overing (1999) a falta de interesse ou desprezo pelas habilidades e atividades “ordinárias” da vida não é comum ao povo Piaroa, antes ocorre o contrário, o “ordinário” da vida é valorizado. Deste modo, o papel desempenhado pelas mulheres no preparo da alimentação, fabricação dos utensílios culinários, no cuidado com a família é exaltado.

É possível assim, decernir a complexidade e multiplicidade de perspectivas envolvidos nas atividades e papéis desempenhados pelas mulheres. De todo modo, Vieira e Milward-de-Azevedo (2018, p. 180) destacam que o [...] *conhecimento etnobotânico das agriculturas e mulheres rurais torna-se fundamental para destacar o sexo feminino como principal provedora dos saberes tradicionais, além de evidenciar as práticas sociais voltadas à conservação ambiental coordenadas pelas mulheres*. Por isso, com a

“obrigatoriedade” ou não do vínculo das mulheres com a terra, com os recursos vegetais, com os cuidados da família, com a casa aproxima-as dos conhecimentos relativos às plantas cultivadas próxima às suas moradas, as quais seriam destinadas ao uso doméstico.

Conclusão

É evidente a variação sobre a concepção valorativa do ambiente doméstico. Para determinados povos indígenas no Nordeste e na floresta Amazônia é dada relevância deste ambiente na manutenção e cuidado com a saúde, além de compor o coletivo. São nas casas, em suas cozinhas, onde os alimentos e remédios são preparados, muitas das vezes provindos dos próprios quintais. As mulheres, seja pela obrigatoriedade dos costumes sociais ao qual pertence, seja pela intenção, desempenha papel protagonista no conhecimento sobre as plantas medicinais, bem como os seus usos, preparos e indicações. A socialização deste conhecimento, bem como das espécies cultivadas, influi para a perpetuação dos saberes e da proteção da biodiversidade. Além da relevância que traz para a segurança alimentar e domesticação das plantas.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan/abr 2016.

FOLLÉR, Mai-Lis. Intermedicalidade: a zona de contato criada por povos indígenas e profissionais de saúde. In: LANGDON, Esther J.; GARNELO, Luiza (orgs.) **Saúde dos povos indígenas: reflexões sobre antropologia participativa**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004. p. 104-20.

GAMA, Paule et al. Práticas de cuidado e cura no quilombo Abacatal. **Mundo Amazônico**, v. 10, n.1, p. 225-242, 2019.

GIBERTTI, Andrea C. Nascendo, encantando cuidando: uma etnografia do processo de nascimento dos Pankararu de Pernambuco. Orientador: Edemilson Antunes de Campos. 2013. **Dissertação** (Mestrado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LÉVI-STRAUSS, C. A eficácia simbólica. In. LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2003.

LISBOA, Maria et al, 2018. Estudo etnobotânica em comunidade quilombola Salamina/putumujú em Maragogipe, Bahia. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1. 2017. DOI 10.5935/2446-4775.20170006.

LUCIANO, Gersem dos S. Saúde Indígena. In BRASIL. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MACEDO, Ulla. A Dona do Corpo: um olhar sobre a reprodução entre os Tupinambá da Serra-BA. Orientadora: Cecília Sandernberg. 2007. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia II**. São Paulo: EPU & Edusp, 1974.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde**. 2006. Acesso em 03/04/2024. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>.

MCCALLUM, Cecília A. O corpo que sabe: Da epistemologia Kaxinawá para uma antropologia médica das Terras Baixas Sul-Americanas. In ALVES, P. C. & RABELO, M. (eds) **Antropologia da saúde: Traçando identidades e Explorando Fronteiras**, Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Relume Dumará, 1998. p. 215 -245.

_____. Cecília A. Aquisição de gênero e habilidades produtivas: o caso Kaxinawá. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 07, n. 01-02, p. 157-175, 1999. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X1999000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 25 mar. 2020.

_____. Cecilia A. Power, Gender and Social Organisation among the Cashinahua of Brazil. Ph.D. **Thesis**, London School of Economics, 1989.

ROCHA, Luiz Paulo Bezerra da (*et al*). Uso de plantas medicinais: histórico e relevância. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18282>.

SANTOS, Valéria da S. Puerpério e resguardo no sertão baiano. Canal no Youtube: **TV PPGA UFBA**, 2021. 1 vídeo (6min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mZivrs124sk>. Acesso em 08 nov. 2021.

_____. Valéria da S. Saúde reprodutiva das mulheres indígenas no Nordeste brasileiro: sistema biomédico, cosmovisão e práticas de autocuidado. Orientação: Cecília Anne McCallum, 2022. **Monografia** (Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

SEEGER, Anthony.; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In OLIVEIRA FILHO, J. P. (org.) **Sociedades indígenas e Indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/Marco zero, 1987. p. 11-29.

SILVA, Georgia. “Chama os Atikum que eles desatam já”: práticas terapêuticas, sabedores e poder. Orientação: Renato Monteiro Athias. 2007. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 2007.

_____. Georgia. Camarada ou inimiga: a “Dona-do-Corpo” e as mulheres Atikum. In ATHIAS, Renato. **Povos Indígenas em Pernambuco**. Recife: UFPE, 2007.

SOUZA, Jurema M. de A. Mulheres Pataxó Hã-Hã-Hãe: Corpo, sexualidade e reprodução. Orientação: Maria Rosário Gonçalves de Carvalho. 2002. **Monografia** (Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

_____. Jurema, M. de A. Trajetórias Femininas Indígenas: Gênero, Memória, Identidade e Reprodução. Orientação: Maria Rosário Gonçalves de Carvalho. 2007. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

TOFOLI, Lúcia. “Faz tempo que disseram que não era mais para pegar menino nos matos”: narrativas de partos entre indígenas Tapeba e Tremembé no Ceará. Orientação: José Maurício Paiva Andion Arruti. 2020. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social) –

Instituto de Filosofia e Ciências Humana, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

TOLEDO, Victor Manuel & BARRERA-BASSOLS, Narciso. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009.

OVERING, Joanna. Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica. **MANA**, v. 5, n. 1, p. 81-107, 1999.

UBINGER, Helen C. Os Tupinambá da Serra do Padeiro: religiosidade e territorialidade na luta pela terra indígena. Orientação: Cecília Anne McCallum. 2012. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

VIEGAS, Susana de M. **Terra Calada**: Os Tupinambá na Mata Atlântica do Sul da Bahia, Rio de Janeiro: Letras; Almedina, 2007.

VIEIRA, Bruna Benazi & MILWARD-DE-AZEVEDO, Michaele Alvim. A etnobotânica e o ecofeminismo em prol da conservação ambiental. **Diversidade e Gestão**, v. 2, n. 2, p. 178-188, 2018.

WACQUANT, Loic. Habitus como assunto e ferramenta: reflexões sobre tornar-se um boxeador. **Estudos de Sociologia**, v.2, n.17, 2011. ISSN Eletrônico 2317-5427. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235214>. Acesso em 12 jan 2024.

WAKANÃ, Graciliana Selestino; GIL, Laura Pérez. Caracterização dos Sistemas de Parto Tradicionais entre os Povos Indígenas de Alagoas e Pernambuco: resultados da primeira etapa. In: FERREIRA, L. O.; OSORIO, P. S. (org.). Medicina tradicional indígena em contextos. **Anais da I Reunião de Monitoramento do Ministério da Saúde**, Fundação Nacional de Saúde, Projeto Vigisus II, Coordenação Técnica, Área de Medicina Tradicional Indígena. Brasília, 2007.